

Caymmi de tôdas as artes



Além de fazer boa música, Caymmi tem outras artes, e é delas que fala a reportagem que vai publicada na página 1 do 2o. cad.



Quem não sabe de Dorival Caymmi: o Caymmi da Bahia, dos coqueiros de Itapuã, dos pescadores que saíram para não mais voltar?

Homem de muitas artes, Caymmi não pode parar

Texto de Cristina CARDOSO

Fotos de José CAVALCANTI

Caymmi da Bahia é também pintor, desde 1942, quando fez seu primeiro auto-retrato. "Quem não é vaidoso na juventude?" fala com carinho. "Meu quadrinho estava cheio de falhas técnicas, mas saiu até feitinho. Depois veio um colecionador de curiosidades, viu minha assinatura — eu, que era apenas compositor — e comprou minha cara por oitocentos mil réis. Hoje está no Rio, na mão de alguém", explica, na sua linguagem cheia de diminutivos.

CAVMMI O PINTOR

Mas, Caymmi não ficou por aí. Depois vieram um retrato da sua Stella; outro auto-retrato, que está no seu sítio no Rio de Janeiro — "lá onae me escondo de vez em quando" — e uma Igreja: a igreja da cidade onde Stella nasceu e foi batizada, lá em Piquiri, Minas Gerais. Os entros, que vieram depois, perdeu a conta, mas a igreja da sua Stella está na parede da sala de estar, na sua casa do Rio Vermelho, bem de frente ao mar.

Caymmi não é só pintor; também ama a pintura. Nas paredes brancas de sua casa veem-se uma "Mulata" de Di Cavalcanti, um quadro de Volpi e um "Alagados" em vermelho, de Jenner Augusto. "Este quadro é meu zodó", confessa, explicando a sua admiração.

— Um artista como Jenner é para se admirar. Um profissional que pesquisa sua arte. Homem de talento e trabalho.

AS PREOCUPAÇÕES

— Caymmi, por que não se dedica mais à pintura? — é feita a pergunta.

— Tudo que eu faço quero fazer bem feito — explica. — Aqui na Bahia sou, ou melhor, somos, minha mulher e eu, muito solicitados. E' gente que entra e gente que sai aqui em casa a

toda hora. E anda temos nossos netos, os garotos de Nana, que vivem conosco. Meu sonho é fazer um estúdio para botar meu cavalete de pintor e o piano para compor as minhas músicas.

E ele pergunta, como se desafiasse alguém:

— Quem foi que disse que deixei de compor? Só se estivesse morto. O que há é que não dá para viver do que ganho na Bahia. Tenho de ganhar meu dinheiro no Rio e gastar na Bahia. O desgaste é muito grande. Meus filhos estão no Rio e meus netos na Bahia. Tenho duas casas para cuidar, eu e minha Stella, e ainda por cima tenho uma cadeira de funcionário no Rio. Sou vice-presidente da Sociedade de Arrecadação de Direitos Autorais. Minha vida está completamente cheia e nem dá tempo de pintar.

DANILO, O MENINO

Dorival Caymmi, mulato forte de cabelos brancos, é homem carinhoso, preocupado com a família que fala com amor e tristeza dos filhos distantes e de Danilo, seu benjamin.

— Danilo é meu zodó e os outros ficam com ciúmes. Com Dori sempre tratei de homem prá homem; Nana é muito romântica, só pode tratar com a mãe; mas Danilo, meu garoto, apesar de romântico, tem os pés na terra. E' por causa dele e do meu trabalho que estou sempre no Rio. Meu menino (o menino já é universitário, compositor famoso e um homem para o resto do mundo) precisa da gente e escreve chamando a mãe. Assim a gente vive aqui e lá. Agora mesmo nós iremos para lá, passar as férias, e talvez um pouco mais de tempo, mas é pura onda esta história de que vamos deixar a Bahia. O diabo são as preocupações. Vejam só, a Stella

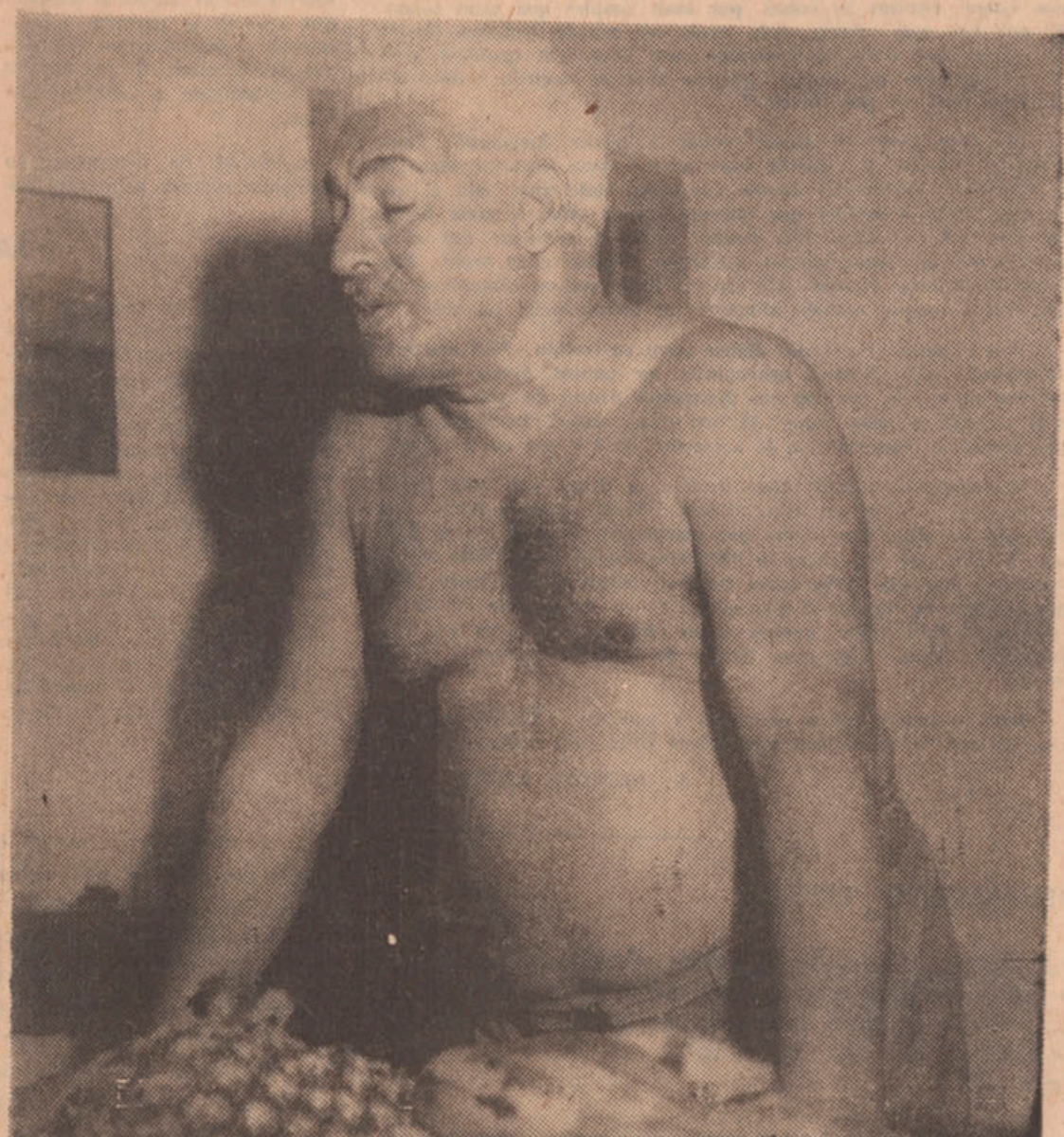
faia: "Vamos fazer um apartamento gostoso, junto à nossa casa. Quem sabe o menino se transfere e vem estudar aqui?"

— Como é que posso me dedicar à pintura com tanta coisa para pensar? No Rio, está Danilo, aqui estão Stelinha, Denise e João Gilberto, nossos netos, criados longe do pai e da mãe. Stella e eu somos tudo para eles e não podemos jaltar nunca" — completa Caymmi.

UM CALENDÁRIO DE CANÇÕES

Agora mesmo, Caymmi e Stella viajarão. Dorival vai inaugurar uma filial do Banco Econômico da Bahia em São Bernardo dos Campos, São Paulo. Mas esta não é sua única preocupação. Há mais coisas. Há o Banco Halles, para onde fez doze desenhos sobre os temas de suas canções mais populares. Caymmi fez então doze quadros a óleo para serem reproduzidos nos Calendários de 1971 do Banco Halles, de São Paulo. O banco gostou tanto que quis comprar os originais, mas o dinheiro, que é bom, não apareceu. Nem pelos direitos de reprodução, nem pelos doze quadros. Caymmi explica:

— Brunner, gráfico meu amigo, fez a encomenda. At Caribé deu a idéia de eu fazer os "sketches" sobre canções minhas. Acabamos por decidir que eu faria desenhos a óleo e eu me senti desafiado, porque os "amigos" disseram logo: "Dorival não vai ser capaz". Em agosto, entreguei doze canções minhas ("O mar", "Saudades de Itapoan", etc.) transformadas em quadros assinados por mim. Mas, até hoje, o Banco não deu córd de si, após dizer que quer comprar os originais. Eu já disse: "se o Banco não quer comprar, quer regatear o preço, é só dizer, na mesma hora arranjo outro comprador". O que não vou é pechinchar. E é claro, afinal de contas o nome Caymmi deve valer alguma coisa. Ou será que ninguém é profeta em sua terra?



Caymmi, o cantor de Dora, rainha do frêvo e do maracatu que um dia ficou de mal com Marina? Mas o que poucos sabem é que o Caymmi de vez mansa e pausada é homem de muitas artes.